

A filosofia política
de Michael Oakeshott

AMOSTRA

A filosofia política de Michael Oakeshott



LUIZ BUENO
organizador

70

A filosofia política de Michael Oakeshott

Copyright © 2025 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Edições 70 é um selo da editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2025 Luiz Bueno

ISBN: 978-65-5427-324-4

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B928f

1. ed. Bueno, Luiz

A filosofia política de Michael Oakeshott / organização
de Luiz Bueno. – 1. ed. Rio de Janeiro : Edições 70, 2025.

-- (Cairu)

184 p.; 16 x 23 cm

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5427-324-4

1. Oakeshott, Michael, 1901-1990. 2. Filosofia política.
3. Conservadorismo (Filosofia). 1. Bueno, Luiz, org. II. Título.

CDD 320.01

Índice para catálogo sistemático :

1. Filosofia política 320.01

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rodrigo Mentz

Vendas Governamentais: Cristiane Mutius

Produtor Editorial: Fonte Editorial

Revisão: Thaís Cotts

Capa e editoração: Alessandra S. O. de Proença



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Sumário

Apresentação	1
Timothy Fuller	
Prefácio	3
Luiz Bueno	
1. O calvário da consciência	11
Luiz Felipe Pondé	
2. Michael Oakeshott: leitor de Santo Agostinho	21
Andrei Venturini Martins	
3. Michael Oakeshott e o conservadorismo no Brasil	43
Bruno Garschagen	
4. Oakeshott e a crítica ao racionalismo na seção III de “Rationalism in Politics” ou Sobre o que significa ser racional	69
Gabriel Ferreira	
5. Michael Oakeshott: política de fé e política de ceticismo	93
João Carlos Espada	
6. A Torre e o Labirinto: Michael Oakeshott e a Linguagem da Liberdade	111
Carlos Marques de Almeida	

7. Michael Oakeshott, o conservadorismo e a “experiência da individualidade” João Pereira Coutinho	149
Sobre os autores	171

AMOSTRA

Apresentação

Timothy Fuller

O pensamento¹ político de Michael Oakeshott ganhou atenção internacional nos últimos cinquenta anos em muitos países, com destaque para Portugal e Brasil. É muito gratificante receber os ensaios deste volume² de renomados estudiosos de filosofia política desses dois países. A gama de tópicos que esses ensaios examinam constitui tanto uma valiosa introdução ao pensamento de Oakeshott quanto será de interesse para aqueles já familiarizados com sua produção.

As reflexões do Professor Martins sobre o significado de Santo Agostinho para Oakeshott são muito bem-vindas. Este acreditava que Agostinho era o expoente mais imaginativo da fé cristã e uma poderosa influência na filosofia política do início da modernidade. Por exemplo, *A Política da Fé e a Política do Ceticismo* de Oakeshott mostra a influência da compreensão agostiniana da condição humana no pensamento de Oakeshott. O Professor Garschagen reflete sobre a influência de Oakeshott no pensamento conservador no Brasil. Esses ensaios juntos indicam a voz do pensamento português e brasileiro na tradição política ocidental.

Os ensaios do Professor Marques sobre liberdade e do Professor Coutinho sobre Oakeshott e individualidade nos lembram da conexão íntima entre liberdade e lei, e da capacidade dos indivíduos para a autorregulação. Esses são temas essenciais não apenas no pensamento de Oakeshott, mas também de importância central para a compreensão da tradição liberal.

O Professor Ferreira analisa a crítica de Oakeshott ao racionalismo moderno. O Professor Espada reflete sobre o papel do ceticismo, lembrando-nos das ameaças à dignidade humana colocadas pelo utopismo político que se esquece da percepção agostiniana dos limites da racionalidade humana. A tensão entre racionalismo e ceticismo é, sem dúvida, um fator importante que afeta os debates políticos do nosso tempo.

Este volume recompensará uma leitura cuidadosa e estimulará uma reflexão séria sobre o estado contemporâneo da política no Brasil e no mundo.

-
1. The political thought of Michael Oakeshott has gained international attention over the past fifty years in many countries, prominently so in Portugal and Brazil. It is most gratifying to welcome the essays in this volume by distinguished scholars of political philosophy from these two countries. The range of topics that these essays examine constitute both a valuable introduction to Oakeshott's thought, and will also be of interest to those already acquainted with his achievement. Professor Martins' reflections on the significance of St. Augustine for Oakeshott are very welcome. He thought that Augustine was the most imaginative exponent of the Christian faith and a powerful influence on early modern political philosophy. For example, Oakeshott's *The Politics of Faith and the Politics of Scepticism* shows the influence of the Augustinian understanding of the human condition on Oakeshott's thinking. Professor Garschagen reflects on Oakeshott's influence on conservative thought in Brazil. These essays together indicate the voice of Portuguese and Brazilian thinking in the Western political tradition. The essays of Professor Marques on freedom and Professor Coutinho on Oakeshott and individuality remind us of the intimate connection between liberty and law, and the capacity of individuals for self-regulation. These are essential themes not only in Oakeshott's thought but also of central importance in understanding the liberal tradition. Professor Ferreira analyzes Oakeshott's critique of modern rationalism. Professor Espada reflects on the role of skepticism, reminding us of the threats to human dignity posed by political utopianism which is forgetful of the Augustinian insight into the limits of human rationality. The tension between rationalism and skepticism is without question a major factor affecting the policy debates of our time. This volume will repay careful reading and will encourage serious reflection on the contemporary state of politics in Brazil and in the world.

2. O ensaio do Prof. Luiz Felipe Pondé ainda não estava disponível quando o prof. Fuller escreveu este texto.

Prefácio

Luiz Bueno

O grande filósofo inglês Michael Oakeshott (1901-1990) é ainda, de forma geral, pouco conhecido no Brasil pelo grande público. Quanto ao mundo acadêmico, a situação é um pouco melhor, mas ainda muito insuficiente proporcionalmente à grandeza deste pensador, considerado uma das figuras de maior relevância na filosofia política do século XX em língua inglesa. Felizmente, aos poucos, esta situação vem sendo remediada, ainda que em um ritmo menos rápido do que se esperaria. Por outro lado, não é propriamente surpresa, pois no campo das ideias, aquelas que demandam mais profundidade na reflexão levam mais tempo para serem assimiladas.

Michael Oakeshott é um filósofo cuja obra não se submete facilmente a categorizações e classificações. Muitos de seus leitores o classificam usando, para tanto, um critério de posicionamento político, localizando-o no segmento conservador. Uma das razões para isso é que o filósofo formulou algumas das ideias mais influentes sobre esse campo de reflexão e prática política, e talvez produziu alguns dos textos mais citados em comentários e estudos sobre o conservadorismo. Mas não bastasse ser o conservadorismo um campo de pensamento amplo e diversificado demais para ser contido em alguma definição ou formulação que pretenda cobrir toda sua gama de perspectivas desenvolvidas por filósofos e demais pensadores de forma única, a obra de Oakeshott, por sua vez, ultrapassa essa delimitação pois também alcança âmbitos que fazem com que ele possa ser classificado simultaneamente como

um liberal. Alguns de seus principais comentadores mostram essa amplitude de pensamento e a dificuldade de classificação, como é o caso de Timothy Fuller, Paul Franco, John Gray, dentre tantos outros renomados especialistas em sua obra.

Ainda que diante de uma obra que se mostra rica o suficiente para não comportar simplificações em sua definição, ao menos um aspecto poderia ser destacado como uma constante em sua linha de pensamento. Oakeshott é um pensador de característica profundamente cética, no sentido filosófico do termo. Essa forte característica aparece em uma de suas principais linhas de reflexão, que é a conhecida crítica ao racionalismo em política. Isto significa que Oakeshott compreende muito claramente os limites em que se dá a operação da razão, o que significa, particularmente no campo da reflexão filosófica política, que não se pode operar com a racionalidade sem ter sempre em conta essa limitação, sob pena de que o âmbito da vida e das operações práticas caiam presa de abstrações racionais desconectadas da realidade concreta. Relacionada a esta característica, encontramos outra definição importantíssima, qual seja, a que se refere aos tipos de conhecimento que produzimos: prático e técnico. O conhecimento prático é aquele que se aprende por vivência, observação, imitação, por se pertencer a alguma tradição de atividades ou mesmo de linguagem. O conhecimento prático se aprende mas, não propriamente, se ensina. O ensino já é atividade do conhecimento dito técnico, esse sim da ordem da operação da razão. Oakeshott vai dizer que o conhecimento técnico como que emerge do conhecimento prático, sendo uma forma de abreviar, simplificar, organizar o conhecimento prático, o qual, por definição, ultrapassa a capacidade da razão de captar, selecionar e estruturar esta dimensão do conhecimento. A vida prática é complexa demais, movida por um número inapreensível de fatores, submetida permanentemente à contingência e, por isso, é uma dimensão inabarcável em sua totalidade pela nossa capacidade racional.

O conhecimento técnico, aponta Oakeshott, é fundamental para o funcionamento da sociedade humana como tal, mas ele vem sempre em segundo lugar. Nossa vida concreta não se pauta primeiramente pelos conceitos e definições construídas pela razão técnica; primeiramente vivemos, fazemos e, depois, refletimos e criamos conceitos e os aperfeiçoamos, transformando-os em livros, receitas, manuais, compêndios, fórmulas, preceitos. Sendo assim, qualquer conhecimento primeiro nasce da prática, do fazer e viver, para, somente depois, se converter em conceito. Nunca o sentido inverso. Essa noção é particularmente importante para se compreender a sua crítica ao racionalismo em política. O racionalismo aplicado à política é a expressão clara desta inversão ao se colocar primeiramente o conhecimento técnico, racionalizado, abstrato, não submetido à limitação ou o compromisso com a experiência pregressa, com o costume, a tradição, com o teste do tempo. Corre-se, assim, o risco de submeter o mundo real e a vida concreta das pessoas a grandes sistemas de abstrações racionais e suas definições (muitas vezes utópicas) sobre o que seria uma sociedade boa, ou verdadeira, ou correta, para se viver e o que seria um bom ser humano para nela viver, sobre nosso verdadeiro destino como povo ou nosso propósito coletivo.

De forma geral, e muito simplificada, pode-se dizer que o pensamento filosófico político de Michael Oakeshott se estabelece a partir de uma particular antropologia (nossa precária situação como seres existentes) e uma determinada epistemologia (conhecimento é construído dentro da inapreensibilidade da totalidade do real associada à limitação estrutural de nossa razão), ambas de caráter cético no mais profundo e preciso sentido que essa noção implica. É preciso ter contato com a sofisticação do pensamento de Oakeshott para compreender o seu ceticismo e entender que essa é uma de suas grandes virtudes e, talvez, uma das características de seu pensamento que o fazem tão adequado

e necessário em nosso tempo. Nossa expectativa é a de que este livro contribua de forma bastante significativa também com este objetivo.

Uma parte importante do esforço de trazer ao conhecimento dos brasileiros a obra de Oakeshott tem sido realizada pelos editores brasileiros que têm publicado algumas traduções de importantes obras do filósofo inglês. Este foi o caso desde o primeiro título de Oakeshott vertido ao português no Brasil, intitulado *Sobre a História e Outros Ensaios*, lançado pela editora Topbooks, em 2003, sendo este o único título vertido por esta editora. Mais recentemente, uma nova iniciativa mais ampla tem sido empreendida pela É Realizações, que se propôs a ampliar significativamente a disponibilidade de títulos de Oakeshott, iniciando com a publicação do importantíssimo livro *A Política da Fé e a Política do Ceticismo*, lançado em 2018, tendo já outros títulos programados para lançamento no Brasil. Recentemente, houve também a publicação de *A voz da educação liberal*, pela editora Âyiné, em 2021. Esta editora lançou também um pequeno livro chamado *Conservadorismo*, constituído de três artigos recolhidos de uma das obras mais importantes de Oakeshott, ainda não traduzida ao português, chamada *Rationalism in Politics*, livro no qual estão alguns dos artigos mais relevantes e influentes de Oakeshott, particularmente aquele que dá nome ao livro, e outro intitulado *On Being Conservative*, que contém algumas daquelas mais famosas ideias e algumas das frases mais citadas do autor mundo afora, as quais mencionamos acima.

Este nosso livro, lançado dentro da importantíssima iniciativa da Edições 70, busca contribuir no esforço de tornar a obra de Oakeshott melhor conhecida pelo público brasileiro, tanto o público leitor em geral quanto os pesquisadores e estudantes no mundo acadêmico. Nesse sentido, enquanto acompanhamos o esforço das editoras em trazer mais obras de Oakeshott em tradução ao português no Brasil, quisemos contribuir em outro

âmbito, mostrando aos leitores o quanto as ideias e a reflexão de Oakeshott são profundas e abrangentes.

Para tanto, buscamos alguns renomados acadêmicos tanto brasileiros quanto portugueses que, conhecedores do alcance e da potência do pensamento de Oakeshott, pudessem explorar essa obra em alguns dos vários campos aos quais o autor se dedicou e apresentar suas próprias perspectivas sobre a contribuição do filósofo para estas áreas de reflexão e pesquisa.

No âmbito dos acadêmicos brasileiros que contribuíram para este livro com sua pesquisa em Oakeshott, temos os textos de Luiz Felipe Pondé, que coloca a obra de Oakeshott dentro da discussão sobre a precariedade da condição humana levada a cabo na tradição conservadora e o quanto se faz necessário ter isso claramente em mente a estudá-lo, bem como de colocar em destaque algumas das grandes concepções do conservadorismo mais ilustrado; Andrei Venturini Martins, que apresenta a leitura de Oakeshott da obra de Santo Agostinho, aproximando a visão do hiponense sobre a ordem do mundo com a sua própria noção cética sobre a política; Bruno Garschagen, que desenvolve a discussão sobre a tradição conservadora política brasileira desde o período do Império e, dessa forma, avalia quais os aspectos do pensamento de Oakeshott poderiam ser assimilados ao pensamento filosófico político nacional e quais não; e Gabriel Ferreira, que retoma uma discussão sobre um conceito fundamental no pensamento de Oakeshott, a crítica ao racionalismo, mostrando a necessidade de clarear o que se compreende por racionalismo para melhor se compreender essa crítica mediante uma visão mais precisa do pensamento de Bacon e Descartes, citados por Oakeshott para estabelecer essa mesma noção.

Quanto às contribuições providas pelos acadêmicos portugueses, que já se dedicam à obra de Oakeshott há bastante tempo, temos, da mesma forma, textos preciosos. Um dos autores é João Carlos Espada, que fundou e dirige o Instituto de Estudos

Políticos da Universidade Católica Portuguesa, do qual fazem parte também Carlos Marques de Almeida e João Pereira Coutinho. João Carlos Espada discute um conceito que conhece profundamente, fundamental em Oakeshott, que é a distinção entre a política da fé e a política do ceticismo, um dos pilares do pensamento oakeshottiano. Carlos Marques de Almeida, por sua vez, discute um tema ao qual se dedica há muito tempo e, por isso mesmo, produzindo importantes textos e análises, que é exatamente a noção de liberdade que se pode encontrar em Oakeshott. Por fim, João Pereira Coutinho se debruça sobre a relação entre a noção de governo conservador — fazendo os devidos reparos a este conceito na sua particularidade oakeshottiana — e a tão valorizada aquisição da modernidade que é a individualidade; para isso, Coutinho retoma e esclarece as formas de associação humana que estabelecem os tipos de governo decorrentes, a associação que visa um propósito (*enterprise association*) e a associação civil, que se refere às múltiplas relações entre os seres humanos que não devem ser reguladas pelos governos.

A diversidade de abordagens aqui apresentadas certamente propiciará ao leitor e ao estudioso brasileiro a experiência com a profundidade e a amplitude do pensamento de Michael Oakeshott. Talvez o tempo em que estamos vivendo, com a sua complexidade inerente e com a presença de tantas versões de radicalismos e extremismos, tanto na prática política quanto na expressão de pensamentos e opiniões, necessite muito de um autor como Oakeshott. Alguém que não se deixa aprisionar por generalizações superficiais ou por categorias limitantes, como é o seu caso, e que, ao mesmo tempo, pensa com objetividade e liberdade sem nunca perder o rigor e a profundidade, apresenta-se como um alento a um mundo de reflexão rasa e enviesada e tendente ao extremismo e às abstrações inócuas. O Brasil será imensamente beneficiado quanto mais leitores e conhecedores da obra de Oakeshott houver entre nós.

Dentro desse esforço em conduzir iniciativas que cooperem com a exposição da obra oakeshottiana aos brasileiros, foi organizado pelo Núcleo de Filosofia Política do Labô, o Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundasp/PUC-SP, um espaço virtual que pretende se oferecer como referência para os pesquisadores que buscam por mais informações sobre Michael Oakeshott, sua biografia e a indicação bibliográfica de suas obras publicadas. A Sala Michael Oakeshott do Labô oferece ainda um amplo índice com livros e artigos acadêmicos ou de divulgação pública, nacionais como internacionais, bem como dos artigos produzidos pelos pesquisadores do Núcleo de Filosofia Política do Labô, dedicados ao nosso filósofo. Este repositório e índice aberto ao público pode ser encontrado no sítio web do Labô¹.

Ademais, o Núcleo de Filosofia Política tem se dedicado ao estudo e produção textual sobre a obra de Michael Oakeshott. Este livro é decorrência deste esforço de pesquisa e divulgação da obra do grande filósofo inglês. É difícil elogiar suficientemente a importância da iniciativa e a significação da contribuição dada pela Alta Books ao tornar este livro disponível ao público brasileiro.

1. <https://offlattes.com/sala-de-pesquisa-michael-oakeshott>

AMOSTRA

O calvário da consciência

Luiz Felipe Pondé

A vida humana [...] é em primeiro lugar, uma aventura na qual a consciência de um indivíduo confronta o mundo que habita, reage ao que Henry James chamou de “o calvário da consciência” [*the ordeal of consciousness*] e assim encena e revela a si mesmo. Essa tarefa é uma aventura num sentido preciso. Não há nenhum trajeto pré-definido a seguir: a cada pensamento e ação um ser humano deixa o porto e segue para o mar aberto num trajeto escolhido, mas em boa parte desconhecido. Não há destino pré-definido: não há homem substantivo ou vida humana perfeitos que possam servir de modelo para sua conduta. É uma dificuldade, não uma jornada. Um ser humano é uma “história” e ele constrói para si mesmo essa “história” a partir de suas reações às vicissitudes que encontra.¹

(Michael Oakeshott)

Antes de tudo, um reparo sobre o título. Você já deve ter percebido que o título deste breve ensaio é retirado da citação acima. “Ordeal”, expressão com conotações ritualísticas e sacrificiais, pode ser traduzida em português por vários termos próximos. O mais comum talvez seja “provação”, mas escolhi “calvário”.

Apesar de o termo parecer cristocêntrico, este debate em nada me interessa. Escolhi este termo porque é uma tradução consistente. Apesar de pertencer a um repertório teológico específico, o termo ganhou significado mais amplo na linguagem do senso comum culto. E, além disso, gosto do tremor que ele carrega. Este breve ensaio tem com objeto a ideia de que, mesmo que aos trancos e barrancos, a chamada “tradição conservadora” — termo que pede explicação, como mostra muito bem Edmund Fawcett no seu brilhante *Conservatism, The Fight for a Tradition*, pela Princeton University Press, 2022 — vê a condição humana como submetida a um certo tremor que pede receio, ceticismo e prudência.

Como diz claramente Michael Oakeshott nessa citação feita por John Kekes, seu olhar sobre a condição humana é um olhar que carrega uma ontologia e uma psicologia de fundo que sustenta sua filosofia moral, política e histórica. Poderíamos somar a referência que faz Oakeshott ao escritor Henry James, outra expressão da mesma fonte, “imaginação da catástrofe”. Os chamados conservadores, como o próprio já o foi, são pensadores e políticos atormentados pela imaginação do desastre. Podemos pensar a oposição — liberal x conservador — trabalhada por Fawcett, como sendo, justamente, os desdobramentos políticos históricos dessa imaginação na realidade prática dos governos e partidos. Definimos assim os estreitos contornos conceituais e bibliográficos deste breve ensaio: Fawcett, Kekes e Oakeshott.

Fawcett

O percurso dessa tradição é tortuoso, como toda tradição de fato é. Fawcett entende que podemos descrever brevemente a oposição entre liberais e conservadores da seguinte forma: enquanto os primeiros abraçam as rupturas modernas, compreendidas como consequências da modernização industrial capitalista, os segundos as temem. Os primeiros as vêem como oportunidades de progresso, os segundos como risco de desastres. Ambos

partilham o gosto pela institucionalidade dos mecanismos sociais e políticos, contra o gosto revolucionário pela radicalização do processo transformador moderno que seria típico dos socialistas. Mas enquanto os liberais creem numa construção a partir dos desacordos entre os grupos sociais e políticos, os conservadores sempre buscam pisar no freio e desconfiam dos desastres possíveis presentes num processo em que se pode facilmente perder a mão, porque ninguém tem o controle efetivo das consequências envolvidas na vida real histórica.

Para Fawcett, os conservadores foram obrigados a abandonar a defesa de instituições que no fim do século XVIII e ao longo do século XIX eram existentes e valorados pelas elites, como monarquia, escravidão, direitos imperiais e similares. Os conservadores tiveram que aprender a negociar com a democracia liberal de mercado se quisessem governar numa sociedade em que a autoridade passou a ser forçosamente objeto de discussão e deixou de ser exercida por elites calcadas no direito de herança, propriedade de terras ou costumes que foram paulatinamente dissolvidos pelo processo modernizador, como soberania baseada em religiões, papéis masculinos e femininos imóveis, modelos familiares supostamente “naturais” e outros similares. Liberais amam o movimento, conservadores suspeitam do movimento como princípio social.

Todo e qualquer conceito identificado pela tradição filosófica conservadora como sendo seu, tem limites na experiência histórica. Nem sempre a empiria sustenta as ações necessárias, muitas vezes ideias abstratas, como direitos humanos, foram necessárias para acabar com coisas ruins, como a escravidão ou o direito de usar mulheres como objeto. O ceticismo com relação a racionalização da política nem sempre se sustenta, como quando sociedades em transformações abissais precisa, por exemplo, de princípios utilitários para calcular e evitar danos maiores aos sujeitos sociais e políticos. Otimizar o bem-estar de muitos pode

ser, muitas vezes, um passo necessário em políticas públicas. O estado moderno na sua interação com o mercado — uma instituição espontânea e expandida, na definição de Friedrich Hayek — sempre foi obrigado, por sua vez, a expandir suas capacidades diante de catástrofes históricas empíricas, como no processo do pós-Segunda Guerra na Europa descrito por Tony Judt no seu monumental “Pós-guerra – História da Europa depois de 1945”, em que a construção de um estado de bem-estar social foi fundamental para estancar a violência das guerras, da miséria institucional de então e a ameaça soviética.

De forma sintética: as “teorias conservadoras” sempre estiveram aquém da realidade da experiência empírica pregressa tão cantada em prosa e verso pelos próprios teóricos conservadores. Fawcett entende que, para além do carácter necessariamente histórico de toda experiência humana política ou não, há uma clivagem clara entre a filosofia política conservadora e suas produções intelectuais e a realidade dos partidos políticos que foram se identificando com o que, ao longo do tempo, foi chamado de partido conservador ou termo similar. Muito dos combates desses partidos e de seus porta-vozes hoje seriam uma saia-justa para intelectuais que se consideram conservadores, já a partir do século XX. Prova cabal deste fato no Brasil é como parece grotesco alguém se identificar com pautas bolsonaristas e ainda assim manter uma certa dignidade intelectual, política e ética. Oakeshott já sabia disso quando lembra que termos da filosofia política como “democracia”, “povo” e outros, são objetos teóricos muito distantes das suas práticas. Do ponto de vista da realidade das sociedades, liberalismo e conservadorismo são práticas políticas. Para Fawcett, o debate político moderno circula ao redor do seguinte enunciado: a vida política da democracia liberal é uma tensão contínua sem vitorioso final. Quem aceitar essa máxima convive bem com ela. No meu entendimento, tanto Kekes quanto Oakeshott o fazem em suas teorias.